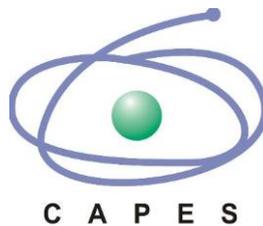


HARLEY MARTINS DA COSTA JÚNIOR



EFEITO DE ORDEM DOS ITENS NA ESCALA DE
SATISFAÇÃO DE VIDA



ITATIBA
2017

HARLEY MARTINS DA COSTA JÚNIOR



EFEITO DE ORDEM DOS ITENS NA ESCALA DE
SATISFAÇÃO DE VIDA

Projeto de pesquisa apresentado ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco, área de concentração – Avaliação Psicológica, para avaliação da Banca de Qualificação.

Orientador: Prof. Dr. Cristian Zanon

ITATIBA
2017

157.93	Costa Júnior, Harley Martins da.
C873e	Efeito de ordem dos itens na escala de satisfação de vida / Harley Martins da Costa Júnior. – Itatiba, 2017. 61 p.
	Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Psicologia da Universidade São Francisco. Orientação de: Cristian Zanon.
	1. Satisfação de vida. 2. Psicometria. 3. Personalidade. 4. Neuroticismo. 5. Extroversão.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de
Processamento Técnico da Universidade São Francisco.



UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM PSICOLOGIA

Harley Martins da Costa Júnior defendeu a dissertação “EFEITO DE ORDEM DOS ITENS NA ESCALA DE SATISFAÇÃO DE VIDA” aprovado pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco em 16 de fevereiro de 2017 pela Banca Examinadora constituída por:

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Cristian Zanon', is written above a horizontal line.

Prof. Dr. Cristian Zanon
Orientador e Presidente

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Daniel Bartholomeu', is written above a horizontal line.

Prof. Dr. Daniel Bartholomeu
Examinador

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Nelson Hauck Filho', is written above a horizontal line.

Prof. Dr. Nelson Hauck Filho
Examinador

Agradecimentos

A Deus;

À minha família, pais, irmãos Paula e Raphael e meus avós que me apoiaram quando resolvi que faria o Mestrado;

À Alice, que esteve do meu lado ao longo do Mestrado e participou de atividades importantes, às vezes sacrificando o final de semana para me ajudar;

Ao meu orientador Cristian Zanon pelo auxílio e norte nos momentos mais difíceis da dissertação;

Aos professores da pós-graduação *Stricto Sensu* de Mestrado da Universidade São Francisco;

À banca examinadora, pela contribuição fundamental desde a qualificação;

À CAPES, por tornar possível a realização desta e de tantas outras pesquisas.

Resumo

Costa Junior, H. M. da (2017). *Efeito de Ordem dos Itens na Escala de Satisfação de Vida*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba.

A satisfação de vida encontra-se entre os componentes referentes ao bem estar subjetivo mais estudados e tendo como a Satisfaction With Life Scale (SWLS, Escala de Satisfação de Vida, ESV) como um dos principais instrumentos para medi-la. Este componente constitui-se por uma avaliação cognitiva da qualidade de vida e pode ser afetado por variáveis como a personalidade, valores culturais e memória. Porém, algumas pesquisas apontam que a avaliação da satisfação de vida é mais influenciada pelo contexto presente no momento da avaliação, como humor e memórias positivas ou negativas. A presente pesquisa se propõe a investigar se os escores da ESV sofrem alterações se esta escala for respondida após escalas que avaliam personalidade (mais especificamente os itens referentes Neuroticismo e a Extroversão do Inventário dos Cinco Grandes Fatores, IGFP-5). No estudo, foram criadas três amostras independentes totalizando 72 participantes. Os participantes eram alunos de graduação de uma universidade do interior do estado de São Paulo. Os instrumentos foram 1- ESV; 2- Itens de Neuroticismo; e 3- Itens de Extroversão. O Grupo Controle respondeu os itens na ordem 1-2-3, o Grupo 1 respondeu na ordem 2-1-3 e o Grupo 2 na ordem 3-1-2. O estudo se propôs a realizar comparações entre grupos para buscar diferenças nos escores da ESV. Os resultados mostraram média de satisfação de vida inferior no Grupo 1, em que os participantes respondiam inicialmente os itens de neuroticismo. Não houve diferença significativa de média de satisfação de vida entre o Grupo Controle e o Grupo 2. Os resultados sugeriram que responder itens de Neuroticismo podem ser mais influentes na auto avaliação de satisfação de vida do que itens de Extroversão.

Palavras-chave: Satisfação de Vida, Psicometria, Personalidade, Neuroticismo, Extroversão, ordem dos itens.

Abstract

Costa Junior, H. M. da (2017). *Item Order Effect in Satisfaction With Life Scale*. Master's Thesis, Post-Graduate Studies in Psychology, São Francisco University, Itatiba.

Satisfaction with Life is one of the most studied component of subjective well-being, and has Satisfaction with Life Sale (SWLF) as an important instrument to measure it. This component consists of a cognitive evaluation of quality of life and can be affected by variables such as personality, cultural values and memory. However, some studies indicate that the assessment of life satisfaction is more influenced by the context present at the moment of evaluation, such as mood and positive or negative memories. The present study proposes to investigate if the ESV scores change if this scale is answered after personality scales. In the study, three independent samples were created, totaling 72 participants. The participants were undergraduate students from a university in the interior of the state of São Paulo. The instruments uses were 1-SWLS; 2-Neuroticism Items; 3-Extroversion Items. The Control Group responded in 1-2-3 order. The Group 1, 2-1-3 order. The Group 2, 3-1-2 order. Comparisons between groups were made to look possible differences in life satisfaction scores. The results showed a lower average life satisfaction in Group 1, in which the participants initially answered the items of neuroticism. There wasn't significant difference in mean life satisfaction between the Control Group and Group 2. The results suggest that answer Neuroticism items can be more influential for the assessment of life satisfaction than answer Extroversion items.

Keywords: Life Satisfaction, Psychometry, Personality, Neuroticism, Extroversion, item order effect.

Sumário

Agradecimentos	iv
Resumo	v
Abstract.....	vi
1. Apresentação	1
2. Introdução.....	3
2.1 Satisfação de vida.....	3
2.2. Personalidade e Satisfação de Vida.....	8
2.3. Valores Culturais e a Satisfação de Vida.....	11
2.4. Fatores influentes na medição de Satisfação de Vida.....	14
2.5. Presente Pesquisa	19
3. Objetivos e Hipóteses.....	21
3.1 Objetivos Gerais.....	21
3.2 Objetivos específicos.....	21
4. Método	23
4.1 Participantes.....	23
4.2. Descrição dos Instrumentos	24
4.2.1 Escala de Satisfação de Vida.....	24
4.2.1 Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade –IGFP - 5.....	24
4.2.3 Questionário de Identificação.....	25
4.3 Procedimentos éticos	25
4.4 Delineamento	26
4.5 Procedimento	27
5. Resultados	28
6. Discussão.....	30
7. Considerações Finais	34
8. Referências	36

Lista de Tabelas

Tabela 1	Grupos e Suas Respectivas Ordens de Aplicação.....	26
Tabela 2	Número de participantes por grupo, médias e desvios padrões.....	27

Lista de Figuras

Figura 1	Hipótese de magnitudes de respostas.....	32
----------	--	----

1. Apresentação

As pesquisas de bem estar subjetivo vem ganhando espaço no ambiente acadêmico por ter a proposta de focar os atributos positivos, potencialidade e traços pessoais positivos (Seligman & Csikszentmihalyi, 2000). Não somente no ambiente acadêmico, em países europeus, governos e políticos têm se interessado pela temática com o intuito de dirigir e propor políticas públicas mais adequadas e eficazes, baseadas em levantamentos em larga escala.

Para tanto, se mostra necessário que os instrumentos utilizados, seja por acadêmicos, seja por governos, estejam adequados aos contextos de aplicação e obtenham evidências de validade de diferentes categorias. A Escala de Satisfação de Vida (ESV; Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985) é um desses instrumentos utilizados em larga escala (Oishi, Diener & Lucas, 1999) e com boas evidências de validade nos Estados Unidos (Pavot, Diener, Colvin & Sandvik, 1991).

Porém, algumas controvérsias referentes à avaliação do bem estar subjetivo surgiram na literatura. Schwarz e Strack (1999) problematizaram que tais escalas não apresentam estabilidade “quando uma mesma questão é feita duas vezes em um intervalo de 1 hora” (p. 62). Os autores argumentam que variáveis externas (contexto) como responder a uma escala diversa (trazendo à memória outros temas como personalidade e domínios da vida como vida amorosa ou acadêmica) logo antes de responder itens de bem estar subjetivo enviesam seus escores.

Outros pesquisadores da psicometria se interessaram pela problemática, realizando estudos que não corroboraram com as conclusões de Schwarz e Strack (1999), como Shimmack, Diener e Oishi, (2002) e Schimmack e Oishi (2005). Tais autores encontraram estabilidade nos escores de satisfação de vida mesmo quando respondida após escalas de autorrelato de satisfação em áreas específicas da vida, como

vida amorosa, acadêmica e social, financeira, sugerindo assim que mesmo memórias recentes evocadas por outras escalas não influenciariam os escores de uma escala de bem-estar subjetivo. Os autores justificam que a estabilidade dos níveis de satisfação de vida se deu porque o auto julgamento deste construto por um respondente da escala se dá pelo uso de memórias que são cronicamente (rígida e frequentemente) acessíveis, independentemente do contexto do julgamento.

Pode-se observar que na literatura entram-se resultados que não convergem para apenas para um lado. Algumas pesquisas sugerem que escalas de bem-estar subjetivo são vulneráveis ao contexto em que são aplicadas e apresentam resultados não muito confiáveis, enquanto outras apresentam evidências de que o auto julgamento ao responder a uma dessas escalas não é vulnerável à variáveis externas

Para ingressar na discussão dos efeitos de ordem dos itens sobre uma escala de bem-estar subjetivo e para contribuir com pesquisadores que utilizam da ESV, pretende-se com a presente pesquisa investigar possível influência de itens de neuroticismo e extroversão do instrumento Inventário dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (IGFP-5) na a escala de Diener et al (1985). Investigar se o uso de itens de personalidade precedendo a ESV influenciaria os respondentes a endossar seus níveis de satisfação de vida é o diferencial das pesquisas apresentadas, uma vez que estas não experimentaram o uso de escalas de personalidade. As escalas não foram escolhidas ao acaso, cada uma avalia um construto que, segundo a literatura, está associado à satisfação de vida. Espera-se saber se essas variáveis, trazidas à memória logo antes de responder a ESV, possam exercer algum nível de influência, fazendo com que os participantes da pesquisa endossem as suas respostas nesta última para mais satisfeitos ou menos satisfeitos com suas vidas.

2. Introdução

2.1 Satisfação de vida

O bem estar subjetivo “coloquialmente conhecido como felicidade” (Tay, Kuykendall e Diener, 2015, p. 2) é composto por três componentes, afetos positivos, afetos negativos e satisfação de vida. Os dois primeiros componentes são afetivos, envolvendo ter experiências prazerosas, apresentar baixos níveis de mau humor e não passar por eventos desagradáveis que gerem afetos negativos (Diener Lucas e Oishi, 2002; Diener, Tamir & Scollon, 2006). O último, satisfação de vida, é definido como uma avaliação cognitiva da qualidade de vida (Diener et al, 1985; Diener, Tamir & Scollon, 2006). Diener et al (1985) propõem que a avaliação ou “julgamento” (p. 71) da satisfação de vida é dependente das circunstâncias em que o indivíduo se encontra comparadas a padrões que ele acredita serem apropriados.

Enquanto componente cognitivo do bem-estar subjetivo, a satisfação de vida envolve julgamentos da satisfação com domínios diferentes da vida, como casamento, vida social, profissional, situação financeira, entre outros (Schimmack & Oishi, 2005). As comparações feitas são, por exemplo, “estou satisfeito com meu casamento, pois ele se encontra como eu penso que ele deva estar”, e a satisfação de vida em si é uma média geral de satisfação com estes domínios importantes para o indivíduo.

O julgamento de satisfação de vida, mais especificamente, constitui uma ação cognitiva que envolve avaliar diferentes domínios da vida no presente e/ou ao longo da vida (Pavot, Diener & Suh, 1998). Esse julgamento utiliza não somente domínios (e. g. liberdade, vida acadêmica, individualismo, valores religiosos), mas também uma hierarquia desses domínios (e. g. valorizar mais carreira acadêmica do que vida social) (Schimmack & Oishi, 2005; Diener Inglehart & Tay, 2012). Em última instância quem

determina o que é de fato relevante para o julgamento da satisfação de vida é a própria pessoa (Schimmack & Oishi, 2005; Diener, Inglehart & Tay, 2012). Por esta razão, Diener, Tamir e Scollon (2006) chamam esta avaliação de democrática, porque o próprio sujeito é sua régua de medida para julgar o quanto ele se sente satisfeito com sua vida, já que ele é quem determina os domínios importantes e atribui a importância apropriada a eles.

A satisfação de vida é um construto bastante valorizado por gestores públicos (contexto norte-americano e diversos países europeus) e acadêmicos de diversas áreas como economia, filosofia, antropologia e psicologia (Tay, Kuykendall e Diener, 2015). O crescente interesse pelo tema, como apontam Tay, al., (2015), é baseado na justificativa de que medidas de satisfação de vida apresentam relação com saúde mental (Diener & Tay, 2013), sucesso profissional (Diener & Seligman, 2004) etc, e a inclusão destas medidas para avaliação populacional poderia produzir estimativas mais completas da prosperidade e desenvolvimento humano de uma nação.

Além de relevante para avaliação da prosperidade econômica de países, a felicidade parece ser muito importante para os cidadãos. Um levantamento realizado em 41 países indicou que seus participantes consideraram a satisfação de vida um atributo “extraordinariamente importante e valioso” (Diener, Sapyta & Suh, 1998, p. 34). Outro estudo, realizado em 17 países, que indica a relevância da felicidade para as pessoas, constatou que os estudantes universitários consideraram a felicidade mais importante do que dinheiro (Diener, 2000). Tais resultados apontam para a necessidade de termos instrumentos adequadamente validados e que reflitam com precisão níveis reais de satisfação de vida das pessoas.

Pesquisas de bem-estar subjetivo (afetos, satisfação) tem adquirido espaço com uma proposta diferente de parte da psicologia que por muito tempo concentrou-se em

aspectos negativos da saúde psicológica (e.g. depressão, ansiedade, psicopatologias) (Diener, Suh, Lucas & Smith, 1999; Seligman, 2002; Larsen & Eid, 2008). Tais pesquisas buscam além de evidências de validade para os instrumentos de avaliação do bem-estar subjetivo, variáveis que influenciam os sujeitos a terem maiores ou menores níveis de felicidade tais como valores culturais orientais e ocidentais e acesso a experiências que produzam afetos positivos. Essas variáveis ambientais são o que constroem os padrões com os quais o sujeito compara sua circunstância, padrões estes que Shin e Johnson (1978) chamam de “*critério*” (p. 478). Por exemplo, os critérios para o julgamento da satisfação de vida para a sociedade oriental são em média diferentes dos critérios da sociedade ocidental (Scollon, Diener, Oishi e Biswas-Diener, 2004; Bastian, Kuppens, Roover & Diener, 2014).

Isso pode indicar que diferentes culturas incentivem a valorização de diferentes domínios da vida fazendo, com que os indivíduos do ocidente, por exemplo, passem a ter padrões de comparação diferentes dos indivíduos do oriente (e.g. valorizar vida profissional e individualidade, ou valorizar vida em sociedade e coletividade, respectivamente). É válido ressaltar que os valores culturais são importantes na construção desses critérios, porém as características individuais como personalidade e história de vida também o são (Schimmack, Diener & Oishi, 2002). Em outras palavras, mesmo que um indivíduo viva em uma sociedade ocidental, este pode vir a ter para si os valores orientais como critérios, ou seja, os critérios variam de pessoa para pessoa. Scollon, Diener, Oishi e Biswas-Diener (2004) argumentam que os valores culturais são uma tendência e não uma regra.

O instrumento *Satisfaction With Life Scale* (Diener et al, 1985) adequa-se a esta proposta democrática e se propõe a refletir o nível de satisfação de vida do respondente.

O instrumento já tem sua versão para o contexto brasileiro (Zanon, Bardagi, Layous & Hutz, 2014).

A escala desenvolvida por Diener et al (1985), *Satisfaction With Life Scale* em sua versão original demonstrou propriedades psicométricas favoráveis como alta consistência interna, coeficiente alpha de, 0,87, e alta confiabilidade temporal em que a primeira e a segunda aplicações com a mesma amostra apresentou correlação de, 0,82. Em uma das amostras do estudo cujos participantes eram mais velhos, a média de idade foi de 72 anos. Para a amostra de participantes mais novos, não consta a idade média, apenas que estes são jovens que acabaram de ingressar na graduação. A análise de componentes principais para se conhecer o número de fatores que a escala tem, apontou que através de uma inspeção do *scree plot* de *eigenvalues* gerado, um único fator explica, 66%, da variância dos resultados, informação esta que contribui para manter as propriedades psicométricas como favoráveis. Desde sua publicação até hoje, a *Satisfaction With Life Scale* (SWLS) é utilizada internacionalmente, com amostras de pesquisa realizadas em quase todo o mundo (Joshnloo, 2012) e tendo tradução e adaptação para mais de 30 idiomas.

Zanon et al (2014) publicaram a versão brasileira da instrumento com o nome Escala de Satisfação de Vida (ESV) e apresentaram evidências de validade e propriedades psicométricas. Compuseram a amostra brasileira 1388 estudantes universitários. De coeficiente alpha, a escala obteve 0,87, que indica boa medida de precisão. Na análise fatorial confirmatória, todos os itens carregaram em um único fator, que melhor explicava a variância dos resultados, corroborando com o trabalho de Diener et al (1985). Foram encontrados cargas fatoriais entre, 0,61 e 0,93 para cada item. Para a análise fatorial confirmatória realizada na amostra brasileira, na comparação entre índices de ajuste χ^2 (chi-quadrado), *comparative fix index* (CFI) e *root*

mean square error of approximation (RMSEA) entre homens e mulheres, fora alcançada *scalar invariance*, que indica que ambas as partes perceberam os itens de maneira equivalente e comparações entre escores através de testes de comparação de médias podem ser realizadas.

A escala é composta por cinco itens, a saber, “Minha vida está próxima do meu ideal”, “Minhas condições de vida são excelentes”, “Estou satisfeito com a minha vida”, “Até agora eu tenho conseguido as coisas importantes que eu quero na vida” e “Se eu pudesse viver a minha vida de novo eu não mudaria quase nada”. A avaliação é feita através de uma escala Likert de sete pontos partindo de “Discordo Plenamente” correspondendo a um ponto, e “Concordo Plenamente”, correspondendo a sete pontos.

São inúmeros os trabalhos que encontraram evidências de validade para a ESV ao redor do mundo, porém é também de interesse de pesquisa como a satisfação de vida pode ser correlacionada e predita por outras variáveis. Em um dos estudos de Diener et al (1985), os autores buscaram encontrar correlações entre os níveis de satisfação de vida e características da personalidade, sob o argumento de que o primeiro está sob influência do segundo, tal qual encontrado em pesquisas anteriores como a de Costa e McCrae (1980). Em especial, Neuroticismo, avaliada pela *Neuroticism Scale of the Eysenck Personality Inventor* de Eysenck e Eysenck (1964), e autoestima, avaliada pela *Rosenberg Self-Esteem Scale* de Rosenberg (1965), apresentaram coeficiente de correlação com os escores de satisfação de vida moderados, 0,48 e 0,54, respectivamente. Logo, pode-se pensar que quando as pessoas avaliam sua satisfação de vida, a personalidade se mostra um fator presente (Costa & McCrae, 1980; Diener & Lucas, 1999; Schimmack, 2008; Liu, Wang & Li 2012).

No presente estudo, sugere-se que ter em mente pensamentos sobre a própria personalidade (evocados por uma escala que meça personalidade), sejam aspectos positivos ou negativos, pode produzir endossamento de respostas em uma escala de bem estar subjetivo. Tal sugestão se dá pela importância dada pela literatura à personalidade no tocante à satisfação de vida (Diener & Lucas, 1999).

2.2. Personalidade e Satisfação de Vida

Parte das pesquisas que buscam correlacionar os níveis de satisfação de vida com características da personalidade utilizam o modelo dos Cinco Grandes Fatores (CGF) ou “*Big Five*”. O modelo proposto por Tupes e Christal em 1961 após encontrar cinco fatores distintos que o compõem, através de análises fatoriais em oito diferentes amostras, foi posteriormente aprimorado e desenvolvido por outros pesquisadores (McCrae & John, 1992). Costa e McCrae (1992) descrevem que o modelo CGF representa dimensões básicas da estrutura da personalidade e que esta justificativa é baseada em quatro linhas de raciocínio e evidência empírica: (a) estudos de observação cruzada e longitudinal demonstram que os cinco fatores são duradouros ao longo do tempo e se manifestam em padrões de comportamento; (b) em diversas teorias da personalidade, os mesmos traços e suas devidas descrições são encontrados; (c) embora variem em grau nas diferentes culturas, os fatores são encontrados em idades, sexos, raças e nacionalidades distintas; (d) evidências de hereditariedade sugerem que todos os cinco fatores tem alguma base biológica.

Inicialmente, por parte de análises fatoriais, o modelo CGF tornou-se uma *taxonomia*, ou seja, uma “classificação de coisas de acordo com suas relações naturais” (Feist, Feist & Roberts, 2015, p. 255). Ao longo do tempo, com pesquisas realizadas ao

redor do mundo, o modelo CGF ganhou robustez tornando-se *teoria* de personalidade que tanto prediz comportamento quanto o explica (Feist, Feist & Roberts, 2015).

Para facilitar a citação de cada um dos cinco fatores do modelo, o acrônimo (Andrade, 2006) OCEAN foi criado. Cada letra é a inicial de um dos cinco fatores da personalidade em inglês, a saber, “O” de *Openness to Experience* (Abertura), “C” de *Conscientiousness* (Conscienciosidade), “E” de *Extraversion* (Extroversão), “A” de *Agreeableness* (Amabilidade ou Socialização) e “N” de *Neuroticism* (Neuroticismo). Cada fator da personalidade é distinto, mas não independente (Blackburn, Renwick, Donnelly & Logan, 2004; Andrade, 2009), embora análise de componentes principais em muitos trabalhos tenha sido realizada. Costa e McCrae (1992) complementam ao modelo a observação de que os cinco fatores são amplos e são, cada um, compostos por seis traços mais específicos da personalidade, chamando assim os cinco fatores de nível superior e os trinta e seis traços de nível inferior:

Abertura - Pessoas que apresentam altos níveis de abertura são, geralmente, mais profundas, pensadoras, espirituosas, criativas (Benet-Martínez & John, 1998), perceptivas (atentas) e curiosas (Costa & McCrae, 1992). O fator é composto pelos traços Fantasia, Estética, Sentimentos, Ações, Ideias e Valores (Costa e McCrae, 1992). O pesquisador Goldberg (1990) acredita que o nome mais adequado para este fator é “Intelecto”.

Conscienciosidade - É o fator da personalidade que caracteriza pessoas prudentes, maduras, competentes, sofisticadas, moralistas (Goldberg, 1990), que controlam suas impulsividades, competentes e focadas (Benet-Martínez & John, 1998). O fator é composto em seu nível inferior pelos traços competência, ordem, senso de dever, esforço por realização, autodisciplina e ponderação (Costa e McCrae, 1992).

Extroversão - Pessoas que apresentam altos níveis deste fator geralmente apresentam mais habilidades sociais, são falantes, eloquentes, comportam-se de maneira a dominar o grupo e apresentam sentimentos positivos (Benet-Martínez & John, 1998). Compõem este fator os seis traços acolhimento, gregarismo, assertividade, atividade, busca de sensações e emoções positivas.

Amabilidade - Também comumente chamado de Socialização, é o fator da personalidade de pessoas que são agradáveis, amáveis, afetuosos, apresentam comportamentos cooperativos e geralmente altruístas (Benet-Martínez & John, 1998). Os traços da personalidade que compõem este fator são confiança, fraqueza, altruísmo, complacência, modéstia e sensibilidade.

Neuroticismo - Fator que quando apresentado em altos níveis por um indivíduo, este tende a apresentar comportamentos irritadiços, agressivos e hostis, tensão nervosa, tristeza, ansiedade e outros de sentimentos negativos (Benet-Martínez & John, 1998). O fator é composto pelos traços de personalidade ansiedade, hostilidade, depressão, constrangimento, impulsividade, vulnerabilidade.

Tal qual sugerido por autores como Diener e Lucas (1999), Schimmack (2008); Liu, Wang e Li (2012), personalidade é um fator presente e relevante quando uma pessoa responde medidas de bem estar subjetivo. No tocante da relação entre personalidade e satisfação de vida, com o objetivo de encontrar uma possível influência de Neuroticismo sobre a satisfação de vida, Liu, Wang e Li (2012) dirigiram um estudo com 282 (152 pessoas do sexo feminino) que haviam acabado de entrar no curso de psicologia. Dentre os instrumentos utilizados, foram aplicados os itens de Neuroticismo da escala *NEO-Five-Factor Inventory* (NEO-FFI, Costa & McCrae, 1992), *Positive and Negative Affect Schedule* (PANAS, Watson, Clark & Tellegen, 1988) de afetos positivos e negativos, e por fim, a SWLS (Diener et al, 1985). Primeiramente, as

correlações de satisfação de vida foram $r=-0,32$, $p<0,001$, entre com neuroticismo, $r=-0,27$, $p<0,001$, com afetos negativos e, $r=0,29$, $p<0,001$, com afetos positivos. O modelo mediacional final encontrado na análise fatorial confirmatória apresentou índices de ajuste favoráveis à explicação de que existe um efeito direto de Neuroticismo sobre a satisfação de vida. O modelo também apontou que afetos positivos são mediadores parciais dos efeitos de Neuroticismo sobre a satisfação de vida, “*em outras palavras, indivíduos altos em Neuroticismo relatam menores níveis de afetos positivos do que sujeitos que baixos em Neuroticismo, que por sua vez prediz menores níveis de satisfação de vida*” (Liu, Wang & Li, 2012, p. 836). Costa e McCrae (1980) dirigiram anteriormente um estudo parecido e encontraram correlação positiva de Extroversão e níveis de satisfação de vida. Pessoas que apresentam maiores níveis de Extroversão, também apresentam maiores níveis de satisfação de vida e que o fator Extroversão afeta diretamente níveis de satisfação de vida.

Além da influência da personalidade, o indivíduo que responde a ESV também pode ser afetado por variáveis externas. Fazer comparações com outras pessoas, cultura ou ainda usar como critério a deseabilidade social são exemplos dessas variáveis.

2.3. Valores Culturais e a Satisfação de Vida

A cultura, como conjunto de valores sociais, é uma variável externa que influencia o julgamento da satisfação de vida (Suh, Diener, Oishi & Triandis, 1998; Diener, Fujita, Tay & Biswas-Diener 2012). As sociedades ocidentais são caracterizadas por uma cultura que valoriza e incentiva a individualidade. O individualismo como valor, tende a levar os indivíduos desta sociedade a considerarem emoções positivas, conquistas individuais (e.g. sucesso profissional) e humor positivo como critérios

válidos e importantes para se avaliar a vida de alguém como satisfatória. Tais critérios são preditores de satisfação de vida em tais culturas. Os afetos positivos e negativos são critérios para o julgamento da satisfação de vida (Bastian, Kuppens, Roover & Diener, 2014), porém esse fenômeno é especialmente observado em sociedades ocidentais.

Valores coletivistas encontram-se nas sociedades orientais. O coletivismo está ligado ao tipo de julgamento de satisfação de vida que não enfatiza tanto realizações pessoais e sentimentos prazerosos. Tais sociedades tendem a valorizar realizações sociais, relacionamentos harmoniosos, cumprimento de obrigações sociais e, ainda, estar satisfeito consigo de acordo com normas sociais (Oishi, Diener, Lucas & Suh, 1999; Suh, 2002; Scollon, Diener, Oishi & Biswas-Diener, 2004).

Valores materialistas (e.g. alta renda, satisfação financeira, criatividade no trabalho, autonomia) como valores de uma cultura também influenciam o julgamento da satisfação de vida (Diener, Ng, Harter & Arora, 2010; Ng & Diener 2014). Delhey (2009) apresenta uma distinção entre os valores materialistas e pós-materialistas. O primeiro está diretamente relacionado a fatores como renda, finanças e obtenção de objetos materiais. A literatura tem sido convergente no sentido de que tais fatores influenciam mais fortemente a satisfação de vida apenas para pessoas pobres e em países pobres (Diener & Diener, 1995; Delhey, 2010; Diener et al, 2010; Ng & Diener, 2014), mas que, de maneira geral, pessoas com valores materiais tendem a ter níveis de bem estar subjetivo inferiores (Keng, Jung, Jiuan & Wirtz, 2000; Solberg, Diener & Robinson, 2004; Karabati & Semalcilar, 2010).

Por outro lado, o pós-materialismo tem maior relação com níveis mais altos de bem estar subjetivo em seu aspecto cognitivo e afetivo. Este valor cultural envolve fatores como criatividade no trabalho e autonomia. Países mais ricos tendem a valorizar

o pós-materialismo, enquanto países mais pobres, o materialismo (Delhey, 2010; Karabati & Semalcilar, 2010; Ng & Diener 2014).

Um exemplo de pesquisa que buscou encontrar correlações entre valores culturais e satisfação de vida foi a de Oishi, Diener, Lucas e Suh (1999). No estudo 1, os autores fizeram um levantamento de níveis de satisfação de vida, satisfação financeira e *home life satisfaction* (que os autores definem como necessidades amorosas) em 39 países. O número de participantes correspondeu a 54446 pessoas em uma média de 1027 indivíduos por país e a média de idade foi de, $M=41,9$ anos $DP=16,5$, e a pesquisa ocorreu entre os anos de 1990 e 1993. As pessoas de países mais desenvolvidos e de maior riqueza (avaliados por seu Produto Interno Bruto) apresentaram que sua satisfação de vida está mais associada a necessidades amorosas, enquanto as de países mais pobres apresentaram que aquela está mais associada à situação financeira.

Um exemplo de pesquisa que encontrou efeitos de um valor cultural sobre a satisfação de vida é a de Joshanloo (2012). Seu estudo teve por objetivo observar se parte da variabilidade dos níveis em satisfação de vida, avaliada através da ESV, era explicada pela norma social medo da felicidade, característica da sociedade iraniana. A amostra foi composta por 220 graduandos de uma universidade iraniana. Participaram 120 mulheres, 54,5%, e 100 homens na pesquisa. O autor descreve que existe uma forte influência cultural no Irã quanto ao bem estar subjetivo. No país, pessoas que se mostram felizes são geralmente consideradas superficiais, sem senso de realismo, tolas e falantes demais, enquanto que pessoas tristes são sinônimas de seriedade e profundidade.

O medo da felicidade foi avaliado pela *Fear of Happiness Scale* (FHS), composta por itens que avaliam o quanto o respondente concorda, em geral, que coisas ruins acontecem quando se está feliz. Os resultados da análise fatorial confirmatória

indicaram que parte da variância dos escores da satisfação de vida, fora explicada pela crença de que felicidade precede consequências negativas e que os participantes que obtiveram maiores escores na FHS, também apresentaram menores escores na ESV. O autor argumenta, então, que crenças culturais podem gerar algum viés nas respostas das pessoas aos itens da ESV. O estudo também trouxe propriedades psicométricas de ambas as escalas, em que a consistência interna da SLWS e da FHS foram de alpha de Cronbach, 0,87, e, 0,88, respectivamente.

Schimmack, Diener e Oishi (2002) propõem que o efeito da personalidade (baseados no modelo CGF) sobre a satisfação de vida é mediado por memórias cronicamente acessíveis, respectivamente. Tais memórias são um conjunto de lembranças rígido e frequentemente acessível, independente do contexto ambiental. Essas lembranças são utilizadas para se realizar o julgamento da satisfação de vida e esta relação entre personalidade e satisfação de vida também é utilizada como argumento para explicar certa estabilidade dos níveis deste componente do bem estar subjetivo (Shimmack & Oishi, 2005).

2.4. Fatores influentes na medição de Satisfação de Vida

Pesquisas indicam que a avaliação sobre a satisfação de vida pode ser influenciada por variáveis internas ou temporais que pouco refletem o traço latente do construto. Nesta perspectiva, parte da variância total da satisfação de vida deve-se ao erro produzido por características de personalidade ou fatores momentâneos que podem comprometer a variância válida do construto.

Um estudo que investigou a produção de falsas memórias em um grupo com altos níveis de satisfação de vida verificou maior “recordação” de palavras positivas não

apresentadas no experimento que o grupo com baixos níveis de satisfação de vida – o que sugere que pessoas mais satisfeitas podem “recordar” mais memórias positivas que, de fato, não aconteceram (Koo & Oishi, 2009). Nesta perspectiva, pessoas mais felizes, que tendem a apresentar características de personalidade com alta extroversão e baixo Neuroticismo, podem ser mais propensas a indicarem maior satisfação de vida – para além do seu traço latente.

Em relação a variáveis contextuais, verifica-se resultados contraditórios quanto ao que é mais influente no processo cognitivo de se julgar a satisfação de vida. Por um lado, Schwarz e Strack (1999) sugerem que o humor e memória temporalmente acessível (memória evocada pelo contexto do momento do julgamento) podem influenciar a auto avaliação a ponto de causarem algum viés nos escores finais da escala. Estes resultados sugerem que o julgamento é realizado com base em alguns recursos facilmente acessíveis por conta do contexto. Eventos como encontrar algum dinheiro ao acaso, por exemplo, ou responder a uma escala de satisfação de vida logo após ter jogado uma partida de futebol podem afetar, profundamente, o julgamento da satisfação, modificando assim seus escores.

Outro exemplo de memórias temporalmente acessíveis que poderiam influenciar o julgamento da satisfação de vida seria responder itens de uma escala de satisfação com domínios específicos da vida antes de responder à uma escala de satisfação geral de vida (e.g., vida amorosa, vida financeira, vida acadêmica) antes de responder a uma escala de satisfação de vida geral (Schwarz & Strack, 1999). Para os autores, acessar as memórias sobre domínios específicos da vida, que são menos frequentemente acessados (memórias temporalmente acessíveis) podem fazer com que o respondente endosse as respostas para mais satisfeito ou menos satisfeito quando, após responder essa escala de domínios específico, passa a responder a uma escala de satisfação de vida como um

todo. Este efeito é chamado pelos autores de *efeito de ordem dos itens* (Schwarz, Strack, Kommer & Wagner, 1987; Schwarz & Strack, 1999). Estes argumentos têm sido usados para indicar que julgamentos de satisfação geral de vida, muitas vezes, podem não corresponder à simples média de satisfação com domínios específicos da vida das pessoas.

Outros estudos (Diener et al (1985), Costa e McCrae (1980), Shimmack, Diener e Oishi (2002), Schimmack e Oishi (2005)), por sua vez, argumentam que fatores da personalidade e domínios da vida que são cronicamente acessíveis à memória, em termos de rigidez e frequência, e considerados importantes para as pessoas são os mais influentes no julgamento da satisfação de vida - não como fatores causadores de viés.

Com o intuito de questionar de Schwarz e Strack (1999), Schimmack e Oishi (2005) realizaram cinco estudos para avaliar quais memórias, crônicas ou temporais, seriam mais relevantes para o julgamento da satisfação de vida. O método utilizado fora o de analisar os efeitos de ordem de escalas, colocando a escala de satisfação em domínios específicos de vida antes da escala de satisfação de vida geral (ordem chamada pelos autores de “específico-global”), tal qual a pesquisa de Schwarz e Strack (1999), para verificar se os itens predecessores influenciariam os sucessores. Os resultados sugeriram que os domínios mais temporalmente acessíveis exerceram uma pequena influência sobre os escores de satisfação global de vida, enquanto nenhum efeito de ordem dos itens fora identificado dos domínios mais cronicamente acessíveis sobre a satisfação global de vida. O que indicou falha em replicar os achados anteriores.

Ainda sob o interesse de conhecer fatores enviesantes nos escores de uma escala de satisfação de vida trabalhando com memórias temporal e cronicamente acessíveis, Koo e Oishi (2009) dirigiram um estudo a partir do *paradigma* de Roediger e McDermott cujo objetivo era saber se pessoas felizes (a partir de resultados de escalas

de satisfação de vida) apresentavam falsas memórias com relação a palavras com mais frequência. Essas falsas memórias se davam quando os participantes diziam ter lido a palavra “felicidade” quando na verdade haviam lido *alegria* ou *satisfação*. Os resultados de Koo e Oishi (2009) apontaram que de fato, pessoas mais felizes apresentam mais falsas memórias com relação. As falsas memórias foram avaliadas pelo *DRM – paradigma* de Roediger e McDermott (1995), atividade em que são apresentadas várias listas de palavras e que cada lista corresponde a uma “palavra-tema” que não está à mostra do respondente, por exemplo, *colina* e *topo* correspondem à palavra-tema (não apresentada) *montanha*, e as palavras *satisfação* e *alegria* correspondem à palavra-tema *felicidade*. A avaliação de falsas memórias é feita após o respondente ler todas as listas e tentar uma a uma dizer ao avaliador, apenas utilizando a memória, quais palavras estavam nas listas. O respondente apresenta falsas memórias ao dizer as palavras-tema como se elas tivessem aparecido nas listas.

Listas de palavras neutras correspondendo a palavras-tema como *cadeira*, *dormir* e *janela* foram utilizadas para comparar com listas de palavras correspondentes a palavras-tema negativas como *raiva* e *triste* e positivas como *felicidade* e *agradável*. Após a realização da atividade, os participantes responderam à Escala de Satisfação de Vida de Diener et al (1985).

Os resultados indicaram que os sujeitos com altos níveis de satisfação de vida também apresentaram falsas memórias com maior frequência, especialmente das palavras-tema *felicidade* e *agradável* quando comparados com os resultados de sujeitos com baixos níveis de satisfação de vida. Nos três estudos, os autores utilizaram amostras de graduandos europeu-americanos, porém, no terceiro estudo também participaram asiático-americanos e coreanos. O objetivo era saber se pessoas de culturas diferentes apresentariam essas mesmas associações cognitivas que levavam a falsas

memórias. Interessantemente, asiático-americanos e coreanos não apresentaram falsas memórias associando palavras das listas de *felicidade* e *agradável* com as palavras-tema, nem mesmo quando esses respondentes apresentavam maiores níveis de satisfação de vida. Para Koo e Oishi (2009), pessoas mais felizes tendem a endossar suas respostas a uma escala de satisfação de vida e até mesmo lembrar falsas memórias de eventos e emoções positivas para a auto avaliação. Os autores argumentam que tais palavras positivas referentes a afetos positivos estão ligadas a domínios importantes para o julgamento da satisfação de vida apenas em culturas individualistas e não tanto para culturas coletivistas, como sugeriram Suh et al (1998), Joshanloo (2012) e Diener, Oishi e Ryan (2013).

É interessante observar também que no que se refere à estabilidade dos níveis de satisfação de vida, os dados são inconclusivos, não havendo, assim, uma concordância precisa entre os autores do quão estável é este componente do bem estar subjetivo. Diener et al (1985) realizaram um teste-reteste com 76 estudantes de graduação utilizando a ESV, cuja segunda aplicação ocorreu dois meses depois da primeira. O resultado apresentou alta estabilidade de escores, com coeficiente de correlação, $r = 0,82$. Este resultado pode ser visto como uma evidência de que memórias crônicas são mais influentes ao se responder a uma escala de satisfação de vida, uma vez que provavelmente mesmas memórias foram utilizadas no auto julgamento de cada aplicação.

Ao observar os trabalhos de Andrews e Whithey (1976) e Glatzer (1984), Schwarz e Strack (1999) concluem que “as medidas de bem estar subjetivo apresentam baixas correlações em teste-reteste, normalmente ficando em torno de 0,40 e não excedendo 0,60 quando uma mesma questão é feita duas vezes em um intervalo de 1 hora” (p. 62). Resultados como estes poderiam sugerir que memórias temporalmente

acessíveis são mais influentes no ato do auto julgamento de satisfação de vida. As pesquisas no geral não tem sido convergentes no sentido de concluir quais memórias, temporais ou crônicas, são mais influentes na auto avaliação de satisfação de vida.

2.5. Presente Pesquisa

O assunto de quais informações, crônicas ou temporais, são as mais influentes na avaliação de satisfação de vida não está concluído. Tal fato faz com que diferentes pesquisas ainda possam ser desenvolvidas para se compreender mais profundamente tal fenômeno.

Seguindo com esse intuito, a presente pesquisa se propôs a investigar se as escalas de neuroticismo e extroversão produziram alguma influência ou até mesmo viés no auto julgamento da ESV, caso apresentadas imediatamente antes. A literatura indica correlações moderadas entre neuroticismo e extroversão com satisfação de vida (Diener et al, 1985). Portanto, é possível pensar que responder escalas que avaliem neuroticismo e extroversão possam ter efeitos influentes nos escores da Escala de Satisfação de Vida. Pelo fato de fatores ambos os fatores da personalidade estarem associados a maiores e menores níveis de satisfação de vida, respectivamente, pode-se pensar que itens que os avaliam possam influenciar o julgamento da satisfação de vida caso eles sejam respondidos antes da ESV, gerando o efeito de ordem dos itens como pontuado por Schwarz e Strack (1999) ao argumentar que memórias temporalmente acessíveis “são fortemente influentes” (p.62) e produzem viés.

Supondo que o contexto ambiental no momento do auto julgamento da satisfação de vida evoque memórias temporalmente acessíveis que se tornam mais influentes do que as memórias crônicas, como sugerem Schwarz e Strack (1999), a ESV

apresentaria resultados não tão fidedignos. Caso apresentadas escalas de avaliação da personalidade precedendo a ESV, memórias evocadas antes do auto julgamento da satisfação de vida poderiam ser utilizadas para responder a ESV. Assim, uma pessoa que responde a ESV sem antes responder alguma outra escala, utilizaria suas memórias crônicas para avaliar o quão satisfeito com sua vida ela se encontra, mas se outra pessoa respondesse a ESV imediatamente depois de responder a uma escala de personalidade, ela utilizaria mais as memórias temporalmente acessíveis – que foram evocadas pela escala de personalidade.

Portanto pretende-se com o presente estudo aplicar os itens de neuroticismo e extroversão do BFI antes da ESV e verificar se a ordem dos itens produz algum tipo de efeito endossador sobre as respostas desta última escala. Os itens selecionados da escala de neuroticismo da BFI foram os itens cujo conteúdo tinha um teor positivo e não eram necessárias inversões dos escores (*“Eu me vejo com alguém que é conversador e comunicativo”*). O mesmo se deu para a seleção dos itens da escala de neuroticismo. Os itens escolhidos não apresentam necessidade de inversão dos escores, uma vez que seu conteúdo apresenta um teor negativo (*“Eu me vejo como alguém que é triste e depressivo”*). Espera-se que, ao serem evocadas memórias de conteúdo positivo, com a escala de extroversão, as pessoas utilizem mais dessas memórias para responder a ESV, tendo, assim, seus escores mais endossados positivamente. Por outro lado, ao serem evocadas memórias de conteúdo negativo, agora com a escala de neuroticismo, os escores da ESV se mostrem mais baixos.

Caso haja influência das memórias, positivas e negativas, evocadas pelas escalas no auto julgamento de satisfação de vida, é possível que esta influência se dê de modo assimétrico. A literatura já indica que eventos negativos são menos são mais influentes do que eventos positivos (Taylor, 1991) sobre o comportamento das pessoas. O autor

também argumenta que apesar da maior influência dos eventos negativos sobre as pessoas, são as memórias positivas que são mais facilmente acessíveis – o que podemos chamar de memórias crônicas, enquanto as memórias de conteúdo positivo seriam mais temporalmente acessíveis. Logo, uma vez que para Schwarz e Strack (1999) as memórias temporalmente acessíveis são mais influentes do que as crônicas, é provável que haja maior influência das memórias de conteúdo negativo sobre o auto julgamento da satisfação de vida.

Como dito previamente, a satisfação de vida tem sido valorizada por diversos políticos e governos no contexto internacional, e foco de pesquisa entre acadêmicos de áreas como a economia e a psicologia. Assim, se faz importante investigar se uma das escalas mais utilizadas para avaliar satisfação de vida no mundo, a ESV, é assim vulnerável e não apresenta escores confiáveis como apontam Schwarz e Strack (1999) ao falarem sobre os instrumentos de bem-estar subjetivo.

3. Objetivos e Hipóteses

3.1 Objetivos Gerais

Observar se níveis de satisfação de vida entre grupos que respondem a ESV em ordem de escalas distintas se diferenciam e observar associações entre níveis satisfação de vida e neuroticismo e satisfação de vida e extroversão, observando em quais grupos essas associações se mostram maiores.

3.2 Objetivos específicos

- Comparar nível médio de satisfação de vida entre os grupos Controle, 1 e 2;
- Comparar os níveis médios de neuroticismo e extroversão entre estes três grupos;

- Correlacionar os níveis de satisfação de vida com os neuroticismo nos três grupos.

3.3 Hipóteses

Por hipóteses, espera-se que:

- Os participantes do Grupo 1 apresentem menores níveis de satisfação de vida quando comparados com os Grupos Controle e 2;
- Os participantes do Grupo 2 apresentem maiores níveis de satisfação de vida quando comparados com os Grupos Controle e 1.

4. Método

4.1 Participantes

Participaram desta pesquisa 119 (63,8% do sexo feminino) estudantes de graduação a partir de 18 anos ($M=22,74$ anos, $DP=8,02$), estudantes do curso de Administração e Direito de uma universidade particular do interior de São Paulo. Trata-se de uma amostra de conveniência.

O critério de exclusão dos participantes da amostra fora o de desconsiderar os resultados dos participantes que foram diagnosticados com algum transtorno de humor (como transtorno bipolar, depressão, distímia) nos últimos seis meses ou fazem (fizeram) uso de algum medicamento para este transtorno neste mesmo período. Tal critério foi determinado a fim de minimizar a influência de uma variável patológica sobre os escores dos participantes. A fim de minimizar outras variáveis influentes que não a ordem das escalas respondidas, pediu-se que os participantes dissessem se algo muito importante havia acontecido em sua semana e, caso a resposta tenha sido “Sim”, assinalassem em uma escala de -3 a 3 o quão negativo ou positivo havia sido o evento. Tais informações foram obtidas no Questionário de Identificação que foi respondido após as escalas.

Desse modo, as análises foram realizadas com um total de 72 pessoas. Nesta situação 20 (75% do sexo feminino; $M=21,00$ anos) pessoas compuseram o Grupo Controle, 18 (62,1% do sexo masculino; $M=22,54$ anos) o Grupo 1 e 23 (52% do sexo feminino, $M=21,74$ anos) o Grupo 2.

4.2. Descrição dos Instrumentos

4.2.1 Escala de Satisfação de Vida

A Escala de Satisfação de Vida (Anexo A) é um instrumento que propõem uma auto avaliação de o quanto o sujeito está satisfeito com sua vida a partir de seus próprios critérios. Os escores variam de 5 a 35 e estes, quanto maiores, indicam maior satisfação de vida. O instrumento utiliza cinco itens com escala Likert de 7 pontos (Discordo Plenamente à Concordo Plenamente) e tem por coeficiente alpha, 0,87. A escala foi adaptada para a população brasileira por Zanon, Bardagi, Layous, e Hutz (2014). Por evidências de validade para a versão brasileira, este instrumento utilizou de análise fatorial confirmatória. Participaram desta pesquisa 1388 estudantes de graduação. O tempo de aplicação desta escala é de aproximadamente 15 minutos.

4.2.1 Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade –IGFP - 5

Este instrumento é baseado na teoria CGF que propõe que a personalidade é constituída de cinco fatores encontrados em todas as pessoas do globo. Os fatores são Neuroticismo, Extroversão, Abertura, Amabilidade e Conscienciosidade. Para a proposta do atual trabalho, são utilizados apenas os itens deste inventário referentes às facetas Neuroticismo e Extroversão. Pessoas que apresentam baixos níveis de Neuroticismo tendem a apresentar mais comportamentos calmos, descontraídos, pouco emotivos, de auto satisfação e seguros, do contrário, alguém que apresente níveis elevados a partir deste inventário tende a ser mais preocupado, emotivo, inseguro e hipocondríaco. Para a faceta de Extroversão, níveis mais elevados sugerem pessoas mais sociáveis, ativas, falantes, otimistas, divertidas e afetuosas, enquanto pessoas que apresentam menores níveis tendem a serem mais reservadas, sóbrias, contraídas,

quietas, indiferentes, orientadas para tarefas, desinteressadas e inquietas (Andrade, 2008). No total, foram utilizados cinco itens referentes à Neuroticismo (Anexo B) e cinco itens de Extroversão (Anexo C). Os itens escolhidos de ambos os fatores foram somente os que não têm necessidade de inversão de escores. Tal escolha de itens foi feita, pois os itens Extroversão e de Neuroticismo que não precisam ser invertidos, mantêm o conteúdo dos itens mais positivos e negativos, respectivamente. Assim, espera que o teor do conteúdo influencie as respostas sobre a ESV.

Ambos os fatores apresentaram fidedignidade pela medida de alpha de Cronbach, 0,75, sobre uma amostra válida de 5.089 respondentes. O tempo de aplicação do inventário é de aproximadamente 20 minutos.

4.2.3 Questionário de Identificação

O Questionário de Identificação (Anexo E) foi construído para que sejam levantadas informações para análises estatísticas e controle da amostra. São perguntas relacionadas a sexo, idade e estado civil dos participantes, se tem diagnóstico de algum transtorno de humor, se fazem uso de medicamentos psiquiátricos, se algum acontecimento importante ocorreu na última semana, o quão negativo ou positivo possa ter sido esse acontecimento importante e se o participante respondeu todas as questões com sinceridade.

4.3 Procedimentos éticos

A princípio o contato com a universidade foi feito a fim de se conseguir a autorização para realização da pesquisa. Em seguida, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco. Os participantes responderam ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participar da pesquisa.

4.4 Delineamento

Para que pudesse ser testado se a ordem das escalas influenciaria o auto julgamento da satisfação de vida caso uma pessoa respondesse a ESV após os itens de Neuroticismo ou de Extroversão, três cadernos distintos foram construídos a fim de formar três grupos. As pessoas que responderam os cadernos Controle, 1 ou 2 compuseram os grupos Controle, 1 ou 2 respectivamente. No Caderno Controle (Anexo B), os itens foram alocados na seguinte ordem: itens da ESV, itens de Neuroticismo e itens de Extroversão. Pessoas que responderam este caderno compuseram o Grupo Controle. O Caderno 1 (Anexo C) teve os itens na sequência: itens de Neuroticismo, itens da ESV e Itens de Extroversão. Por fim, o Caderno 2 (Anexo D) teve os itens na ordem: itens de Extroversão, itens da ESV e Itens de Neuroticismo. A composição dos grupos se deu de modo aleatório. A Tabela 1 ilustra tais informações.

Tabela 1
Grupos e suas respectivas ordens de aplicação

	Grupo Controle	Grupo 1	Grupo 2
Ordem	Escala de Satisfação de Vida + Itens de Neuroticismo + Itens de Extroversão (Caderno Controle)	Itens de Neuroticismo + Escala de Satisfação de Vida + Itens de Extroversão (Caderno 1)	Itens de Extroversão + Escala de Satisfação de Vida + Itens de Neuroticismo (Caderno 2)

Neste estudo todos os 15 itens das três escalas ficaram na mesma página do caderno nos três grupos. Os itens de Neuroticismo e Extroversão do IGFP-5 que compuseram os cadernos são os que não precisam ter seus escores invertidos. Estes itens apresentam teor negativo e positivo, respectivamente, em seu conteúdo e foram escolhidos para se observar se caso respondidos antes da ESV, esta última apresenta média de escores significativamente diferentes quando comparados com a média de escores das pessoas que responderam a ESV primeiro.

4.5 Procedimento

Participaram da pesquisa duas turmas da Faculdade de Administração e uma de Direito. Cada uma com aproximadamente 40 alunos. A fim de assegurar maior aleatoriedade na formação dos três grupos (Controle, 1 e 2), os três cadernos de respostas foram distribuídos alternadamente sempre seguindo a ordem: Caderno Controle, Caderno 1, Caderno 2. As três salas eram formadas por 6 fileiras mesas, cada fileira contendo entre 4 e 7 mesas com alunos. As três distribuições de cadernos se iniciaram na primeira cadeira próxima à porta da sala e seguindo o sentido da fileira. Ao fim da fileira, a distribuição se deu do final da fileira seguinte para o começo e assim sucessivamente. Ao final do tempo de aproximadamente 20 minutos, os cadernos eram todos devolvidos. A amostra total foi composta por 72 participantes, uma vez que os demais foram excluídos pelo critério de exclusão.

5. Resultados

A princípio são apresentados os resultados médios de cada um dos grupos nas escalas de satisfação de vida, neuroticismo e extroversão. Também são apresentadas as diferenças de médias de satisfação de vida entre os grupos encontradas na ANOVA de um fator.

A Tabela 2 apresenta descrições estatísticas referentes ao número de participantes, média e desvio padrão. A média da ESV em $M=4,65$ ($DP=1,29$) para o Grupo Controle, enquanto as médias nos Grupos 1 e 2 foram $M=3,99$ ($DP=1,07$) e $M=4,87$ ($DP=1,35$), respectivamente. Observa-se que o maior nível de satisfação de vida se deu no Grupo 2, enquanto o menor, no Grupo 1.

Tabela 2

Número de participantes por grupo, médias e desvios padrões.

Grupo Controle			
Escala	N	M	DP
Satisfação de Vida		4,65	1,29
Neuroticismo	20	3,66	1,21
Extroversão		5,06	1,1
Grupo 1			
Escalas	N	M	DP
Satisfação de Vida		3,99	1,07
Neuroticismo	29	3,71	1,27
Extroversão		4,88	1,87
Grupo 2			
Escalas	N	M	DP
Satisfação de Vida		4,87	1,35
Neuroticismo	23	3,58	1,11
Extroversão		5,08	1,04

Também são observadas na Tabela 2 que o nível médio de neuroticismo no Grupo 1 fora o mais alto, enquanto o menor nível se deu no Grupo 2. Com o objetivo de se verificar se as diferenças entre os grupos são significativas, foi realizada a

comparação entre as médias dos grupos quanto às três médias das escalas. Como esperado, a ANOVA *oneway* apresentou diferenças entre grupos quanto a satisfação de vida, $F(2,69) = 3,65$ e $p < 0,05$, cujo tamanho foi de efeito por d de Cohen, $d = 0,55$, entre Grupo Controle e Grupo 1, indicando uma diferença importante entre os grupos. O teste *post hoc* (Bonferroni) novamente indicou que a diferença encontrada dificilmente se deu por erro amostral. Não fora observada nenhuma diferença significativa entre o Grupo Controle e o Grupo 2 quanto aos níveis de satisfação de vida.

Quanto a variância de médias de extroversão, a ANOVA não indicou diferença entre os grupos, $F(2,69) = 0,08$ e $p > 0,05$. O mesmo se deu para extroversão, $F(2,69) = 0,22$ e $p > 0,05$.

Uma análise realizada por Schwarz e Strack (1999) e Schimmack e Oishi (2005) que pode sugerir influência de uma escala em outra é a análise de correlação. No Grupo Controle a correlação entre a ESV a escala de neuroticismo se manteve em, $r = -0,38$. Porém, no Grupo 1 quando os participantes começam respondendo a escala de neuroticismo e, em seguida, respondem a ESV, a correlação aumenta, $r = -0,51$. A correlação negativa entre os resultados já era esperada uma vez que a literatura já indica que menores níveis de neuroticismo estão associados a maiores níveis de satisfação de vida.

Outro resultado de correlação que se mostrou interessante fora a de extroversão com satisfação de vida nos Grupos Controle e 2. O primeiro apresentou correlação de $r = 0,42$, enquanto o último teve $r = 0,56$.

6. Discussão

Conforme já dito, a presente pesquisa teve por objetivo investigar se responder escalas de neuroticismo e extroversão exerce alguma influência sobre as respostas da ESV. Diante dos resultados, observou-se que a maior média de satisfação de vida se deu no Grupo 2 (Extroversão-ESV-Neuroticismo), seguido pelo Grupo Controle (ESV-Neuroticismo-Extroversão) e, por fim o Grupo 1 (Neuroticismo-ESV-Extroversão).

O fato do Grupo 1 ter apresentado a menor média de satisfação de vida quando comparada com o Grupo Controle confirmou a hipótese de que responder a escala que avalia neuroticismo influenciaria os resultados da ESV. Inicialmente, ambos os resultados de correlação apresentados entre os níveis de satisfação de vida e de neuroticismo trazem mais evidências de que menores níveis de neuroticismo são encontrados em pessoas mais satisfeitas com suas vidas. Em seguida, é possível pensar que responder inicialmente a escala de neuroticismo produziu pequena variação na autoavaliação de satisfação de vida, uma vez que esta correlação é maior no Grupo 1.

É possível que o teor negativo do conteúdo dos itens selecionados do IGFP-5 tenha evocado memórias relacionadas aos conteúdos *depressão, tristeza, temperamento e mudança de humor, tensão, nervosismo e preocupação*. Uma vez evocadas pelo contexto de responder aos itens de neuroticismo, memórias relacionadas a tais conteúdos podem ter se tornado mais facilmente acessíveis, fazendo com que os respondentes as utilizassem para o julgamento da satisfação de vida. Este resultado provê suporte adicional à afirmação de Schwarz e Strack (1999) de que escalas de auto-relato “são mais bem conceituadas como resultado de um julgamento que é altamente dependente do contexto”(p.62). Essa influência pode ter sido um fator de viés,

influenciando os respondentes inconscientemente a endossarem mais negativamente seu auto julgamento de satisfação de vida.

Comparando a média de satisfação de vida do Grupo 1 com a do Grupo Controle, cujo tamanho do efeito pode ser considerado entre moderado (Schimmack & Oishi, 2005), $d=0,55$ pode-se conjecturar que a média do Grupo 1 não reflete com confiabilidade níveis reais de satisfação de vida como um todo de seus integrantes. Por outro lado, existe a possibilidade de os respondentes do Grupo 1 terem processado que todo o questionário era referente a um único tema (facetas do neuroticismo), como se o conteúdo de teor negativo dos itens de neuroticismo ainda estivessem selecionando as memórias a serem, agora, utilizadas na auto avaliação para responder a ESV. Em outras palavras, é possível que os sujeitos integrantes deste grupo responderam a ESV como se esta ainda se referisse a conteúdos negativos, ou seja, os participantes não sofreram uma influência inconsciente, mas responderam a ESV como se esta se referisse a uma satisfação de vida quanto a características do fator neuroticismo. Portanto, podemos supor que os níveis de satisfação de vida foram maiores no Grupo 1 por uma influência inconsciente por parte da escala de neuroticismo ou um engano por parte dos participantes.

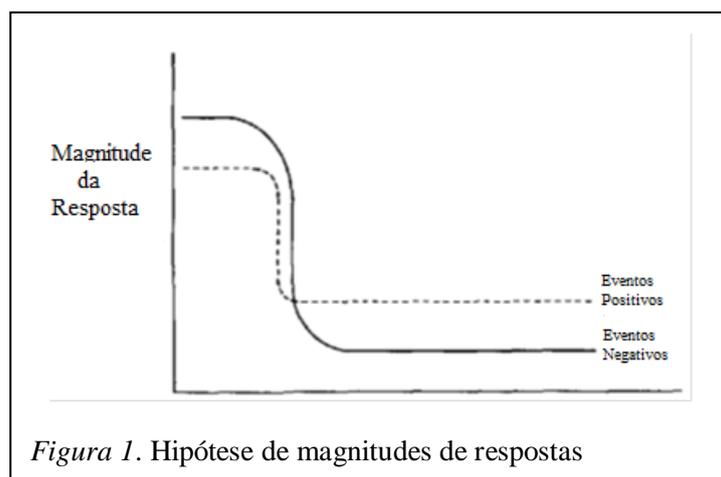
Algo que poderia trazer mais evidências para tais hipóteses seria o Grupo 1 ter apresentado média significativamente maior no nível de neuroticismo do que os outros dois grupos. Porém, houve baixa diferença entre as médias de níveis de neuroticismo entre os três grupos, sendo a maior diferença entre o Grupo 1 e 2, com $M=3,71$, $DP=1,27$ e $M=3,58$, $DP=1,11$, respectivamente, cujo tamanho do efeito, $d=0,11$, fora pequeno. Talvez a de ordem de escalas entre os Grupos aponte para a maior vulnerabilidade de influências externas da ESV, comparando com as escalas de neuroticismo e extroversão. Enquanto essas duas últimas apresentariam itens com

conteúdo mais específico e menos interpretativo, a ESV apresentaria itens cuja interpretação do conteúdo é mais subjetiva e variável.

Quanto a baixa diferença entre as médias de satisfação de vida do Grupo Controle e 2, a princípio pode-se pensar que a influência que a ordem das escalas exerceu no Grupo 1 não fora igual, ou ainda, não existiu no Grupo 2. É possível que as memórias supostamente evocadas com o a escala de extroversão já estivessem mais facilmente acessíveis independentemente dela, uma vez que as médias de satisfação de vida no Grupo Controle e 2 foram similares.

Tal fato apontaria para uma assimetria no acesso a memórias de conteúdo negativo e positivo. Taylor (1991) defende que as em geral as pessoas tendem a gravar mais memórias de eventos positivos do que negativos, criando mais associações nas memórias positivas e tornando-as mais facilmente acessíveis. Logo, uma vez que alguém respondesse a ESV, mesmo sem alguma outra escala precedendo-a, memórias de conteúdo positivo já estariam presentes independentemente do contexto (seriam memórias cronicamente acessíveis).

O autor ainda argumenta que eventos negativos tendem a produzir maior mobilização (magnitude de resposta/comportamento) dos organismos (seres humanos e animais) à curto prazo do que eventos positivos. Porém, à longo prazo, estes mesmos organismos tendem a apresentar menor mobilização sobre esses eventos negativos do que aos eventos positivos. Vide Figura 1.



A partir dessas informações, pode-se pensar, por fim, que as pessoas ao responderem a ESV no Grupo Controle, utilizaram suas memórias crônicas, que para a maioria das pessoas se compõe essencialmente de memórias de conteúdo positivo (Taylor, 1991). Por outro lado, uma vez que em contato com um contexto que evoque memórias de conteúdo negativo, que geralmente são mais temporal do que cronicamente acessíveis, estas exercem maior mobilização, influenciando, assim, o auto julgamento quanto a satisfação de vida.

7. Considerações Finais

O uso da ESV para diversos contextos é crescente, sendo este um instrumento de uso em larga escala internacional, tornando a ideia desta pesquisa de problematizar o uso desta escala e discutir a validade de seus resultados algo importante. Os resultados desta pesquisa podem ser considerados um primeiro passo para a discussão do uso de escalas de personalidade precedendo a Escala de Satisfação de Vida, uma vez que os dados apontaram que o uso da escala de neuroticismo pode influenciar os resultados do auto julgamento na ESV.

Anteriormente já se discutia o quanto escalas dedicadas a avaliar bem-estar subjetivo podem ser suscetíveis a influências ambientais. Somando-se a literatura que já apresenta resultados contraditórios (Schimmack & Oishi, 2005), esta pesquisa tende a trazer mais evidências quanto à hipótese de Schwarz e Strack (1999) de que “itens precedentes influenciam o acesso temporário de informações relevantes”.

Porém, seria de grande valia para análises e conclusões mais precisas aumentar o tamanho da amostra para números mais representativos da população. O tamanho da amostra utilizada neste estudo pode ser considerado um limitador, uma vez que a amostra é pouco representativa.

Uma variável a ser levada em conta em pesquisas futuras é a cultura. Uma vez que Joshanloo (2012) encontrou em sua pesquisa que iranianos tendem a apresentar menores níveis de bem-estar por forte influência cultural que valoriza tristeza e a considera sinônimo de seriedade e profundidade, os resultados do atual estudo poderiam ter sido até mesmo opostos aos encontrados, caso fosse dirigido em outro contexto cultura.

Por fim, recomenda-se, a partir dos resultados encontrados neste estudo, que seja evitado o uso da escala de neuroticismo antes de se aplicar a ESV para levantamentos, uma vez que os resultados da ESV podem ser influenciados e não refletir níveis reais do construto. Se generalizarmos, hipoteticamente seria melhor que também que se evite o uso de instrumentos que evoquem memórias de conteúdo negativo caso o instrumento preceda imediatamente a ESV.

8. Referências

- Andrade, J. M. (2008). *Evidências de Validade do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para o Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.
- Bastian, B., Kuppens, P., De Roover, K., & Diener, E. (2014). Is valuing positive emotion associated with life satisfaction? *Emotion, 14*, 639-645.
- Benet-Martínez, V., John, O. P. (1998). Los Cinco Grandes Across Cultures and Ethnic Groups: Multitrait Multimethod Analyses of the Big Five in Spain and English. *Journal of Personality and Social Psychology, 75*(3), 729-750.
- Blackburn, R., Renwick, S. J. D., Donnelly, J. P. & Logan, C. (2004). Big Five or Big Two? Superordinated Factors in the NEO Five Factor Inventory and the Antisocial Personality Questionnaire. *Personality and Individual Differences, 37*, 957-970.
- Brisette, I., Scheier, M. F., & Carver, C. S. (2002). The role of optimism in social network development, coping, and psychological adjustment during a life transition. *Journal of Personality and Social Psychology, 82*, 102–111.
- Costa, P. T. and McCrae, R. R. (1980). Influence of extraversion and neuroticism on subjective well-being: Happy and unhappy people, *Journal of Personality and Social Psychology, 38*, 668-678.
- Delhey, J. (2010). From materialist to post-materialist happiness? National affluence and determinants of life satisfaction in cross-national perspective. *Social Indicators Research, 97*, 65-84.
- Diener, E. (2000). Subjective well-being: The science of happiness and a proposal for a national index. *American Psychologist, 55*, 34-43.

- Diener, E., & Diener, M. (1995). Cross-cultural correlates of life satisfaction and self-esteem. *Journal of Personality and Social Psychology, 68*, 653-663.
- Diener E., Emmons, R. A., Larsen, R. J., Griffin, S. (1985). The Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment. 49*, 71-75.
- Diener, E., Inglehart, R., Tay, L. (2012). Theory and validity of life satisfaction measures. *Social Indicators Research, 112*, 497-527
- Diener, E., Fujita, F., Tay, L., & Biswas-Diener, R. (2012). Purpose, mood, and pleasure in prediction satisfaction judgements. *Social Indicators Research, 105*, 333-341.
- Diener, E. & Lucas, R. E. (1999). Personality and subjective well-being. In D. Kahneman, E. Diener & N. Schwarz (Eds.), *Well-being. The foundations of hedonic psychology* (pp. 213-229). New York: Russel Sage Foundation.
- Diener, E., Lucas, R. E., Oishi, S. (2000). Subjective Well-Being: The Science of Happiness and Life Satisfaction. *Handbook of Positive Psychology* (Chap 5, pp 63-73)
- Diener, E., Ng, W., Harter, J., & Arora, R. (2010). Wealth and happiness across the world: Material prosperity predicts life evaluation, while psychosocial prosperity predicts positive feeling. *Journal of Personality and Social Psychology, 97*, 143-156.
- Diener, E., Oishi, S., & Ryan, K. (2013). Universal and cultural differences in the causes and structure of “happiness” – A multilevel review. In C. Keyes (Ed.), *Mental well-being: International contributions to the study of positive mental healths.* (pp. 153-176) Dordrecht, Netherlands: Springer.
- Diener, E., Sapyta, J. J., & Suh, E. (1998). Subjective well-being is essential to well-being. *Psychological Inquiry, 9*, 33-37.

- Diener, E. & Seligman, M. E. P. (2004). Beyond money: Toward an economy of well-being. *Psychological Science in the Public Interest*, 5, 1-31.
- Diener, E., Suh, E. M., Lucas, R. E., & Smith, H. L. (1999). Subjective well-being: Three decades of progress. *Psychological Bulletin*, 125, 276-302.
- Diener, E., Tamir, M., & Scollon, C. N. (2006). Happiness, life satisfaction, and fulfillment: The social psychology of subjective well-being. In P. A. M. van Lange (Ed.), *Bridging social psychology: The benefits of transdisciplinary approaches*. Hillsdale, NH: Erlbaum.
- Diener, E. & Tay, L. (2013). The benefits of happiness for successful and healthy living. Reports on wellbeing and happiness: Contributions toward the Royal Government of Bhutan's NDP Report by IEWG members of the wellbeing and happiness working group.
- Feist, J.; Feist, G. & Roberts, T. (2015). *Teorias da Personalidade* (8^o ed.). Porto Alegre: Artmed Editora
- Fujita, F., & Diener, E. (2005). Life satisfaction set-point: Stability and change. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 158-164.
- Goldberg, L. R. (1990). An Alternative "Description of Personality": The Big-Five Factor Structure. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 121-1229.
- Geers, A. L., Wellman, J. A., & Lassiter, G. D. (2009). Dispositional optimism and engagement: The moderating influence of goal prioritization. *Journal of Personality and Social Psychology*, 96, 913-932.
- Joshanloo, M. (2012). The influence of fear of happiness beliefs on responses to the satisfaction with life scale. *Personality and Individual Differences*, 54, 647-651.
- Karabati, S. & Cemalcilar, Z. (2010) Values, materialism, and well-being: A study with Turkish university students. *Journal of Economic Psychology*, 31, 624-633.

- Keng, K.; Jung, K.; Juan, T. & Wirtz, J. (2000) The Influence of Materialistic Inclinations on Values, Life Satisfaction and Aspirations: An Empirical Analysis. *Social Indicators Research*, 49, 317-333.
- Koo, M. & Oishi, S. (2009) False Memory and the Associative Network of Happiness. *Journal of Personality and Social Psychology*, 35, 212-220
- Larsen, R. J. & Eid, M. (2008). Ed Diener and the Science of Subjective Well-Being. In R. J. Larsen & M. Eid (Ed), *The Science of Subjective Well-Being*. New York: Guilford Publications
- Liu, Y., Wang, Z. & Li, Z. (2012). Affective Mediators of the influence of neuroticism and resilience on life satisfaction. *Personality and Individual Differences*, 52, 833-838
- Lucas, R. E., Diener, E., & Suh, E. (1996). Discriminant validity of well-being measures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 71, 616-628.
- MacLeod, A. K.; Conway, C. (2005). Well-Being and the anticipation of Future Positive Experiences: The Role of Income, Social Networks, and Planning Ability. *Cognition and Emotion*, 19, 357-374.
- Ng, W. & Diener, E. (2014). What Matters to the Rich and the Poor? Subjective Well-being, Financial Satisfaction, and Post-materialist Needs across the World. *Journal of Personality and Social Psychology*, 107, 326-388
- Oishi, S., Diener, E., Lucas, R. E., & Suh, E. (1999). Cross-cultural variations in predictors of life satisfaction: Perspectives from needs and values. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25, 980-990.
- Pavot, W., Diener, E., Colvin, C. R. & Sandvik, E. (1991). Further Validation of the Satisfaction With Life Scale: Evidence for the Cross-Method Convergence of Well-Being Measures. *Journal of Personality Assessment*, 57, 149-161.

- Pavot, W., Diener, E., & Suh, E. (1998). The Temporal Satisfaction with Life Scale. *Journal of Personality Assessment, 70*, 340-354.
- Prieto, G. y Muñiz, J. (2000). Un modelo para evaluar la calidad de los tests utilizados en España. *Papeles del Psicólogo, 77*, 65-71.
- Realo, A., Dobewall, H. (2011). Does Life Satisfaction Change with Age? A Comparison of Estonia, Finland, Latvia, and Sweden. *Journal of Research in Personality, 45*, 297-308.
- Roediger, H. L., & McDermott, K. B. (1995). Creating false memories: Remembering words not presented in lists. *Journal of Personality Assessment, 74*, 384-399.
- Seligman, M. E. P. (2002). Positive Psychology, Positive Prevention and Positive Therapy. In Snyder & Lopez (Ed.). *Handbook of Positive Psychology* (Chap. 1, pp 3-12). Oxford University.
- Scheier, M. F., Carver, C. S., & Bridges, M. W. (1994). Distinguishing optimism from neuroticism (and trait anxiety, self-mastery, and self-esteem): a reevaluation of the Life Orientation Test. *Journal of Personality and Social Psychology, 67*, 1063-1078.
- Schimmack, U. (2008). The structure of subjective well-being. In M. Eid & R. J. Larsen (Eds.), *The science of subjective well-being* (pp. 97-123). New York: Guilford Press.
- Schimmack, U., Diener, E., & Oishi, S. (2002). Life-satisfaction is a momentary judgment and a stable personality characteristic: The use of chronically accessible and stable sources. *Journal of Personality, 70*, 345-384.
- Schimmack, U. & Oishi, S. (2005). The Influence of Chronically and Temporarily Accessible Information on Life Satisfaction Judgments. *Journal of Personality and Social Psychology, 89*, 395-406.

- Schwarz, N., & Strack, F. (1999). Reports of subjective well-being: Judgmental processes and their methodological implications. In D. Kahneman, E. Diener, and N. Schwarz (Eds.) *Well-being: The foundations of hedonic psychology* (pp. 61–84). New York: Russell Sage Foundation.
- Schwarz, N., Strack, F., Kommer, D., and Wagner, D. (1987). Soccer, rooms, and the quality of your life: Mood effects on judgments of satisfaction with life in general and with specific life domains. *European Journal of Social Psychology*, *17*, 69-79.
- Scollon, C. N., Diener, E., Oishi, S., & Biswas-Diener, R. (2004). Emotions across cultures and methods. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, *35*, 304-326.
- Shin, D. C., Johnson, D. M. (1978). Avowed Happiness as na overall assessment of the quality of life. *Social Indicators and Research*, *5*, 475-492.
- Solberg, E. C., Diener, E., & Robinson, M. (2004). Why are materialists less satisfied? In T. Kasser & A. D. Kanner (Eds.), *Psychology and consumer culture: The struggle for a good life in a materialistic world* (pp. 29-48). Washington, DC: American Psychological Association.
- Srivastava, S., McGonigal, K. M., Richards, J. M., Butler, E. A., & Gross, J. J. (2006). Optimism in close relationships: How seeing things in a positive light makes them so. *Journal of Personality and Social Psychology*, *91*, 143–153
- Suh, E. (2002). Culture, Identity, and Subjective Well-Being. *Journal of Personality and Social Psychology*, *83*, 1378-1391.
- Suh, E., Diener, E., Oishi, S., & Triandis, H. C. (1998). The shifting basis of life satisfaction judgments across cultures: Emotions versus norms. *Journal of Personality and Social Psychology*, *74*, 482-493.

Tay, L., Kuykendall, L. & Diener, E. (2015). Satisfaction and Happiness – The Bright Side of Quality of Life. *Global Handbook of Quality of Life* (pp. 839-853). Springer Netherlands

Zanon, C., Bardagi, M. P., Layous, K. & Hutz, C. S. (2014). Validation of the Satisfaction With Life Scale to Brazilians: Evidence of Measurement Noninvariance Across Brazil and US. *Social Indicators Research*, 119, 443-453

Anexo A – Escala de Satisfação de Vida

Abaixo você encontrará cinco afirmativas. Assinale na escala abaixo de cada afirmativa o quanto ela descreve a sua situação pessoal; Não há respostas certas ou erradas, mas é importante você marcar com sinceridade como você se sente com relação a cada uma dessas afirmativas

1)A minha vida está próxima do meu ideal.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo Plenamente

2)Minhas Condições de vida são excelentes.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo Plenamente

3)Eu estou satisfeito com a minha vida.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo Plenamente

4)Até agora eu tenho conseguido as coisas importantes que eu quero na vida.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo Plenamente

5)Se eu pudesse viver minha vida de novo eu não mudaria quase nada.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 6 7 Concordo Plenamente

Anexo B –Itens de Neuroticismo do IGFP-5

A seguir encontram-se algumas características que podem ou não lhe dizer respeito. Por favor, escolha um dos números da escala abaixo que melhor expresse sua opinião em relação a você mesmo. Não existem respostas certas ou erradas.

Eu me vejo como alguém que...

1)... é depressivo e triste

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

2)... é temperamental, muda de humor facilmente

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

3)... fica tenso com frequência.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

4)... fica nervoso facilmente

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

5)... preocupa-se muito com tudo

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

Anexo C –Itens de Extroversão do IGFP-5

A seguir encontram-se algumas características que podem ou não lhe dizer respeito. Por favor, escolha um dos números da escala abaixo que melhor expresse sua opinião em relação a você mesmo. Não existem respostas certas ou erradas.

Eu me vejo como alguém que...

1)... é conversador, comunicativo.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

2)... é assertivo, não teme expressar o que sente.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

3)... é sociável, extrovertido

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

4)... é cheio de energia.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

5)... gera muito entusiasmo.

Discordo Plenamente 1 2 3 4 5 Concordo Plenamente

Anexo D – Questionário de Identificação 1

Nome: _____ Idade: _____

Sexo: ()Masc ()Fem

Estado Civil

solteiro () casado/união estável () separado/divorciado ()

Foi diagnosticado com algum transtorno de humor (como depressão, distimia, transtorno bipolar) dentro dos últimos seis meses?

Sim () Não ()

Fez uso de alguma medicação para este transtorno de humor dentro dos últimos seis meses?

Sim, mas não faço mais () Não ()

Sim e ainda faço ()

Algo marcante ou importante aconteceu nessa semana que possa estar te fazendo se sentir muito feliz ou muito triste?

Sim () Não ()

O que? (Opcional)

Resposta: _____

Anexo E – Questionário de Identificação 2

1)Idade: _____

2)Sexo: ()Masculino ()Feminino

3)Estado Civil

solteiro () casado/união estável () separado/divorciado ()

4)Algum evento importante aconteceu nas últimas duas semanas que possa estar te fazendo se sentir muito mais feliz ou muito mais triste?

Sim () Não ()

5)Qual foi este evento? (Caso tenha respondido sim à questão anterior)

Resposta: _____

6)Se você marcou sim na questão 4, marque na escala abaixo o quão negativo, ou o quão positivo este evento foi?

Muito negativo -3 -2 -1 0 +1 +2 +3 Muito positivo

7)Você foi diagnosticado com algum transtorno de humor (como depressão, distímia, transtorno bipolar, transtorno de ansiedade) dentro dos últimos seis meses?

Sim () Não ()

8) Você fez uso de alguma medicação para este transtorno de humor dentro dos últimos seis meses?

Sim, mas não faço mais () Não ()
Sim e ainda faço ()

9) Você respondeu com sinceridade e atenção a este questionário?

Sim () Não ()

Anexo F - TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO

Pesquisa de Efeito de Ordem dos Itens Sobre a Escala de Satisfação de Vida

Eu,.....

....., RG....., abaixo assinado, dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do(s) pesquisador Harley Martins da Costa Júnior do Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade São Francisco, sob a orientação do Prof. Dr. Cristian Zanon. Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é avaliar os níveis de satisfação de vida do participante, assim como os níveis de neuroticismo e extroversão e suas estabilidades através de instrumentos; em seguida verificar se existe algum tipo de efeito de um conjunto de itens sobre os outros;
- 2- Durante a atividade, que durará entre 30 minutos e 50 minutos, será necessário que eu, participante, responda aos instrumentos Escala de Satisfação de Vida e aos itens de Neuroticismo e Extroversão do Inventário dos Grandes Fatores da Personalidade – 5; após esta aplicação de instrumentos, ocorrerão outros dois retestes consecutivos, com intervalos de uma semana.
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4- A resposta a este (s) instrumento(s)/ procedimento(s) não causam riscos conhecidos à minha saúde física e mental;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa, o que não me causará nenhum prejuízo;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11 – 24548981;
- 8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Harley Martins da Costa Júnior, sempre que julgar necessário pelo telefone: 19 – 98831-1371;
- 9- Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Local, _____ data ____/____/____

Assinatura do Sujeito de Pesquisa ou Responsável: _____

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Efeito de Ordem dos Itens Sobre a Escala de Satisfação de Vida

Pesquisador: HARLEY MARTINS DA COSTA JÚNIOR

Área Temática:

Versão: 4

CAAE: 51497315.5.0000.5514

Instituição Proponente: Universidade São Francisco-SP

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.486.227

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um projeto de mestrado, que contará com a participação de 150 estudantes de graduação a partir de 18 anos, ambos os sexos, estudantes do curso de Administração de uma universidade particular do interior de São Paulo. Será aplicada a Escala de Satisfação com a Vida e alguns ítems do Big Five Inventory. Os instrumentos serão reaplicados nos mesmos participantes.

Objetivo da Pesquisa:

De acordo com o autor: "se propõe a investigar se ao responder escalas de personalidade (mais especificamente os itens referentes neuroticismo e a extroversão) pelo Big Five Inventory (BFI), os itens da ESV podem ser endossados e os escores são alterados".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não são previstos riscos conhecidos ou benefícios.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O delineamento metodológico está descrito, assim como objetivos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foi apresentada a carta de autorização da instituição, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Endereço: SAO FRANCISCO DE ASSIS 218

Bairro: JARDIM SAO JOSE

CEP: 12.916-900

UF: SP

Município:

BRAGANCA PAULISTA

Telefone: (11)2454-8981

Fax: (11)4034-1825

E-mail: comite.etica@saofrancisco.edu.br



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

APÓS DISCUSSÃO EM REUNIÃO DO DIA 31/03/2016, O COLEGIADO DELIBEROU PELA APROVAÇÃO DO PROJETO DE PESQUISAS.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Recurso do Parecer	recurso.pdf	15/03/2016 12:04:27		Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	Justificativa_de_Recurso.docx	15/03/2016 12:04:21	HARLEY MARTINS DA COSTA JÚNIOR	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA DISSERTACAO.xlsx	15/03/2016 11:48:50	HARLEY MARTINS DA COSTA JÚNIOR	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao_instituicao.pdf	15/03/2016 11:47:35	HARLEY MARTINS DA COSTA JÚNIOR	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Harley_PLATAFORMA_BRASIL.docx	15/03/2016 11:46:37	HARLEY MARTINS DA COSTA JÚNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Harley.docx	15/03/2016 11:46:26	HARLEY MARTINS DA COSTA JÚNIOR	Aceito
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO_632242.pdf	18/02/2016 22:02:38		Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	01/12/2015 13:29:16	HARLEY MARTINS DA COSTA JÚNIOR	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: SAO FRANCISCO DE ASSIS 218

Bairro: JARDIM SAO JOSE

CEP: 12.916-900

UF: SP

Município:

BRAGANCA PAULISTA

Telefone: (11)2454-8981

Fax: (11)4034-1825

E-mail: comite.etica@saofrancisco.edu.br



UNIVERSIDADE SÃO
FRANCISCO-SP



BRAGANCA PAULISTA, 11 de Abril de 2016

Assinado por:
Alessandra Gambero
(Coordenador)

Endereço: SAO FRANCISCO DE ASSIS 218

Bairro: JARDIM SAO JOSE

CEP: 12.916-900

UF: SP

Município:

BRAGANCA PAULISTA

Telefone: (11)2454-8981

Fax: (11)4034-1825

E-mail: comite.etica@saofrancisco.edu.br